**Comunicação do Bem Viver como caminho para a prática do jornalismo sobre/na Amazônia**

**Laiza MANGAS - UFPA[[1]](#footnote-1)**

**RESUMO**

A Amazônia, com sua imensa biodiversidade e diversidade cultural, é palco de intensos conflitos que envolvem diversos interesses. Essa disputa por recursos naturais tem gerado desmatamento, queimadas e secas históricas, ameaçando os modos de vida das populações tradicionais e a biodiversidade da região. Nesse cenário, o jornalismo deve buscar caminhos que promovam a escuta ativa e o respeito às vozes marginalizadas, criando narrativas que desafiam o colonialismo e o favorecem uma nova forma de viver em harmonia com a natureza, aspectos de uma Comunicação do Bem Viver (Baspineiros, 2014). Dessa forma, este artigo analisa o corpo do texto de oito reportagens (Herscovitz, 2010) sob a perspectiva comunicacional que reconhece o sujeito social em seu contexto histórico e cultural, proposta por Baspineiros (2014), sobre a seca na Amazônia. Os textos foram publicados em dois veículos nacionais, mas com propostas diferentes: Folha de S. Paulo, ligado à imprensa comercial, e Amazônia Real, no viés alternativo. Entendemos que o espaço ocupado pelas fontes amazônidas, sobre o cenário socioambiental, é necessário para construção de uma sociedade que integra o respeito à natureza com a valorização das culturas locais, sendo essencial para enfrentar a crise ecológica e promover justiça social.

**Palavras-chave:** Comunicação do BemViver; Jornalismo socioambiental; Amazônia.

1. **INTRODUÇÃO**

Em 2023, a baixa acentuada dos níveis dos rios na Amazônia afetou a vida de todos os habitantes da região, dificultando o deslocamento das populações ribeirinhas, e o transporte de água, alimento e outros suprimentos essenciais (Andrade, 2024). Mais recente, em agosto de 2024, essa seca chegou ao extremo. Na capital Manaus, o Rio Negro chegou a menos de um metro de atingir o nível de seca do ano passado, quando o rio, um dos principais afluentes do Rio Amazonas, alcançou 12,70 metros — o menor nível registrado em mais de 120 anos (G1, 2024). Já o Rio Solimões registrou a menor cota de água nos últimos 40 anos.

Esses acontecimentos trazem reflexões da lógica neoliberal e extrativista que promovem a exploração intensiva da natureza. Loureiro (2022) explica que a Amazônia se consolidou como fronteira de *commodities* que atende, especialmente, a um mercado internacional e tem apoio do Estado, independente dos danos ambientais e sociais. Esse processo também assombram as populações amazônicas que veem seus territórios invadidos por empresas que ameaçam seu modo de vida e sobrevivência cultural.

Nesse cenário, é imprescindível pensar no papel da comunicação, mais precisamente do jornalismo, não só na divulgação dos acontecimentos, mas também na formação do pensamento crítico. A partir da perspectiva comunicacional que reconhece o sujeito social em seu contexto histórico e cultural, proposta por Baspineiros (2014), este artigo investiga como oito reportagens sobre a seca na Amazônia, publicadas na Folha de S. Paulo e na Amazônia Real, abordam a temática. Utilizando a análise do corpo textual das publicações como metodologia (Herscovitz, 2010), buscamos compreender como esses veículos, representativos da imprensa comercial e alternativa, respectivamente, retratam os sujeitos sociais envolvidos nesse contexto.

1. **A AMAZÔNIA NA IMPRENSA COMERCIAL E ALTERNATIVA**

O discurso dominante sobre a Amazônia prioriza a defesa do território nacional e a exploração dos recursos, em detrimento da qualidade de vida e dos direitos das populações locais (Costa, 2022). Pesquisas mostram a imprensa perpetuando a naturalização de um processo capitalista e colonial, não permitindo às pessoas a compreenderem o cenário no qual a Amazônia se encontra (Mangas, 2022; Steinbrenner *et al.*, 2020).

Em palestra organizada pelo Núcleo de Alto Estudos Amazônicos (NAEA), a professora Edna Castro ressalta a compactuação da imprensa local com o “desenvolvimento de saque” (Castro, 2020). No Pará, por exemplo, seis veículos de comunicação pertencem à família do atual governador do Estado, Helder Barbalho (Intervozes, 2022).

Como alternativa, às populações tem reafirmado suas lutas e discursos por instrumentos independentes num processo chamado de giroecoterritorial (Svmpa, 2019) que transforma os movimentos sociais[[2]](#footnote-2) em agentes de resistência contra a exploração excessiva de recursos naturais. As mobilizações se baseiam na participação cidadã e em ações coletivas que desafiam os modelos atuais, propondo meios alternativos e contestatários. Atualmente, vemos esse movimento cada vez mais articulado nas plataformas digitas.

Numa perspectiva ambiental, foco da análise que faremos mais adiante, acreditamos que a cobertura jornalística na imprensa comercial e alternativa deve superar, como Ferdinand (2023, p. 25) afirma, a “dupla fratura colonial e ambiental da modernidade”, que separa a história colonial e a história ambiental do mundo. Assim, os temas ambientais devem ser vistos como um prolongamento da dominação colonial, ao reconhecer que as colonizações, discriminações e racismos são maneiras de habitar a Terra que estão firmadas no contexto da crise ecológica e, consequentemente, dos conflitos socioambientais.

1. **A COMUNICAÇÃO DO BEM VIVER COMO FERRAMENTA DE CONTRACOLONIZAÇÃO**

A Comunicação do Bem Viver traz uma forma de repensar concepções. Seguindo a filosofia do Bem Viver, Baspineiros (2016), Barranquero-Carretero e Sáez-Baeza (2014) entendem essa comunicação como um processo cultural e espiritual de construção de sentidos que valoriza a convivência intercultural e comunitária, baseada em princípios de reciprocidade, complementaridade e solidariedade, visando um modo de vida em harmonia com a natureza e com os outros.

Existem algumas categorias de análise que Baspineiros (2014) menciona para abordar a Comunicação do Bem Viver, são elas: 1) Saber escutar; 2) Saber compartilhar; 3) Saber viver em harmonia e complementariedade; 4) saber sonhar. O *saber escutar* corresponde a uma comunicação dialogal e construtiva na observação, interação e escuta. O *saber compartilhar* envolve elementos de uma educação transformadora e libertadora (Freire, 2011), por isso, o autor cita o papel da Comunicação Popular como ferramenta de conhecimento na sociedade. O *saber viver em harmonia* é uma proposta inclusiva com novas formas e práticas de convivência que envolve a sociedade, cultura e natureza. Por fim, o *saber sonhar* propõe caminhos para praticar novas formas de comunicação que respeitem às diferenças e promovam à justiça social.

Portanto, a Comunicação para o Bem Viver, marcada por um viés crítico e alternativo, se mostra essencialmente educativa ao promover o diálogo e a participação. Diante da atual crise civilizatória, caracterizada por problemas como a seca nos rios, decorrentes da lógica do desenvolvimento moderno, torna-se imprescindível que essas narrativas dialoguem com as urgências do nosso tempo, buscando alternativas para um futuro mais sustentável.

1. **O “SABER ESCUTAR” COMO CATEGORIA DE ANÁLISE**

A categoria do “saber escutar” é desenvolvida em dois ambientes, ao mesmo tempo: o da ação comunicativa, que são espaços de compreensão onde as relações são dialogadas e construídas, e o da ação política, que mobiliza os cidadãos por meio do discurso e do exercício da cidadania, principalmente para os grupos sociais vulnerabilizados, dessa forma, há uma transformação de formações sociais que perpetuam desigualdades (Baspineiros, 2014). Nesse âmbito, o saber escutar é fundamental para reconhecer e legitimar as demandas sociais.

As duas formas utilizam a comunicação como o caminho para atingir seus objetivos, promovendo um entendimento profundo e um compromisso com a transformação social. Portanto, a ação comunicativa e ação política atuam em quatro perspectivas comunicacionais, segundo Baspineiros (2014): 1) desconstrução de conceitos pré-elaborados; 2) reconhecimento do sujeito social e seu contexto histórico e cultural; 3) sentido reparador e reivindicador da palavra dos excluídos; 4) compromisso com a mudança.

Para essa pesquisa, escolhemos aplicar a perspectiva comunicacional que reconhece o sujeito social em seu contexto histórico e cultural. Portanto, faremos a análise de reportagem (Herscovitz, 2010), tendo como unidade de registro o corpo do texto das publicações dos sites.

Nesse viés, foram selecionadas oito reportagens veiculadas em dois veículos nacionais (um ligado à imprensa comercial e outro alternativo), publicadas em agosto de 2024, sobre à seca na Amazônia, mais precisamente no Rio Madeira, que banha os estados de Rondônia e Amazonas, e o Solimões, localizado apenas no Amazonas. A proposta foi observar qual a seleção de fontes e o tratamento dado a elas, fazendo uma comparação da participação e contextualização do cenário da seca na imprensa comercial e independente por meio da perspectiva comunicacional definida por Baspineiros (2014).

1. **APONTAMENTOS INICIAIS**

Embora a pesquisa ainda esteja em fase inicial de produção, alguns apontamentos já podem ser enumerados a partir do histórico de cobertura da imprensa comercial em comparação com a atuação dos veículos independentes. Entre eles, entendemos que há diferenças significativas na visibilidade e espaço dados às vozes locais. A análise sugere que veículos independentes, como a Amazônia Real, são mais atentos às realidades amazônidas, contrastando com a abordagem da grande mídia, como a Folha de S. Paulo, que ainda segue uma narrativa centralizada e distante da região.

Por essa razão, concordamos com o pensamento de Peruzzo e Volpato (2019) ao afirmarem que a comunicação alternativa, quando praticada de forma colaborativa e participativa, tanto no âmbito comunitário quanto nas mídias digitais, se alinha com os princípios do Bem Viver. Na imprensa comercial, ainda há um caminho de desconstrução de narrativas que podem ser feitas a partir da aproximação maior com movimentos sociais, quilombolas, ribeirinhos e indígenas.

**REFERÊNCIAS**

ANDRADE, R. O. Seca que afetou a Amazônia em 2023 causou a maior queda nos níveis dos rios já registrada, e está relacionada a mudanças climáticas, mostra estudo. **Jornal da Unesp**, 24 abr. 2024. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2024/04/24/seca-que-afetou-a-amazonia-em-2023-causou-a-maior-queda-nos-niveis-dos-rios-ja-registrada-e-esta-relacionada-a-mudancas-climaticas-mostra-estudo/>. Acesso em: 7 out. 2024.

BARRANQUERO-CARRETERO, A. SÁEZ-BAEZA, C. **Comunicación y buen vivir***: La* crítica descolonial y ecológica a la comunicación para el desarrollo y el cambio social.Madrid: Palabra Clave, 2014.

BASPINEIRO. Adalid Contreras. **De la comunicación** – Desarrollo a la comunicaciónpara el Vivir bien. In: Boletín Informativo Spondylus, da Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Ecuador. Quito, 2014.

CASTRO, E. Interpretações sobre o desenvolvimento na Amazônia. Belém: NAEA UFPA, 2022. 1 vídeo (2h15m). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=38DdGB7-Jc4>. Acesso em: 7 out. 2024.

COSTA, Vânia Maria Torres. **À sombra da floresta**: a Amazônia no jornalismo de televisão, 1 ed., Belém (PA): Paka-Tatu, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2011.

FERDINAND, M. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho.

São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

LOUREIRO. Violeta Refkalefsky. **A Amazônia, o Outro do Brasil**. In. Amazônia Latitude, 2022. Disponível. https://www.amazonialatitude.com/2022/04/08/amazonia-o-

outro-do-brasil/. Acesso em: 7 out. 2024.

LOUREIRO, V. R. A Amazônia no século XXI, novas formas de desenvolvimento. São Paulo: Empório do Livro, 2009.

LOUREIRO. V. R. A Amazônia, o Outro do Brasil. In. Amazônia Latitude, 2022. Disponível. https://www.amazonialatitude.com/2022/04/08/amazonia-o-outro-do-brasil/. Acesso em: 8 out. 2024.

LEVANTAMENTO do Intervozes revela quem são os políticos donos da mídia nas Eleições 2022. Intervozes, 28 set. 2022. Disponível em: <https://intervozes.org.br/levantamento-do-intervozes-revela-quem-sao-os-politicos-donos-da-midia-nas-eleicoes-2022/>. Acesso em: 6 out. 2024.

MANGAS, L. M. O. **AMAZÔNIA AMEAÇADA:** análise do discurso jornalístico nos portais de notícias O Liberal.com – PA e A Crítica – AM sobre desmatamento e queimadas no contexto da pandemia da COVID-19. 2022. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2022.

PERUZZO, C. M. K. VOLPATO, M. O. Comunicação para o desenvolvimento: aspectos teóricos desde a modernização ao “Buen Vivir”. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. G&DR. V. 15, N. 4, Edição Especial, P. 11-26, jul/2019. Taubaté, SP, Brasil.

SECA de 2024 já afeta mais de 747 mil pessoas no AM e supera número de atingidos em 2023. **Portal G1**, 30 set. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2024/09/30/seca-de-2024-ja-afeta-mais-de-747-mil-pessoas-no-am-e-supera-numero-de-atingidos-em-2023.ghtml>. Acesso em: 7 out. 2024.

STEINBRENNER, R. A.; GUERREIRO NETO, G.; LOUREIRO DE BRAGANÇA, P.; RAMOS DE CASTRO, E. M. Desastre da mineração em Barcarena, Pará e cobertura midiática: diferenças de duração e direcionamentos de escuta. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde,** [S. l.], v. 14, n. 2, 2020. DOI: 10.29397/reciis.v14i2.2063. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2063>. Acesso em: 8 set. 2024.

SVAMPA, M. **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina**: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências. Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Elefante, 2019.

1. Jornalista e doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Pará (UFPA), com bolsa CAPES/CNPq. E-mail: [laiza.mangas@gmail.com](mailto:laiza.mangas@gmail.com) [↑](#footnote-ref-1)
2. Os movimentos sociais refletem as lutas que acontecem no interior da sociedade, a partir de um grupo social organizado que revida certas ações do Estado e de grupos privilegiados da sociedade com uma resposta àquilo que o grupo considera ilegítimo ou socialmente errado e que o coloca em situação inferior e desigual em relação aos demais segmentos da sociedade (Loureiro, 2009, p.194). [↑](#footnote-ref-2)